



Defensivos: preços em alta e mercado em baixa pós-desvalorização cambial¹

De acordo com dados do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (SINDIVEG)², em 2015, considerando as vendas de produto comercial, as vendas de defensivos agrícolas no Brasil alcançaram US\$9,61 bilhões, representando queda de 21,56%, quando comparadas com aquelas registradas no ano anterior³ (Figura 1).

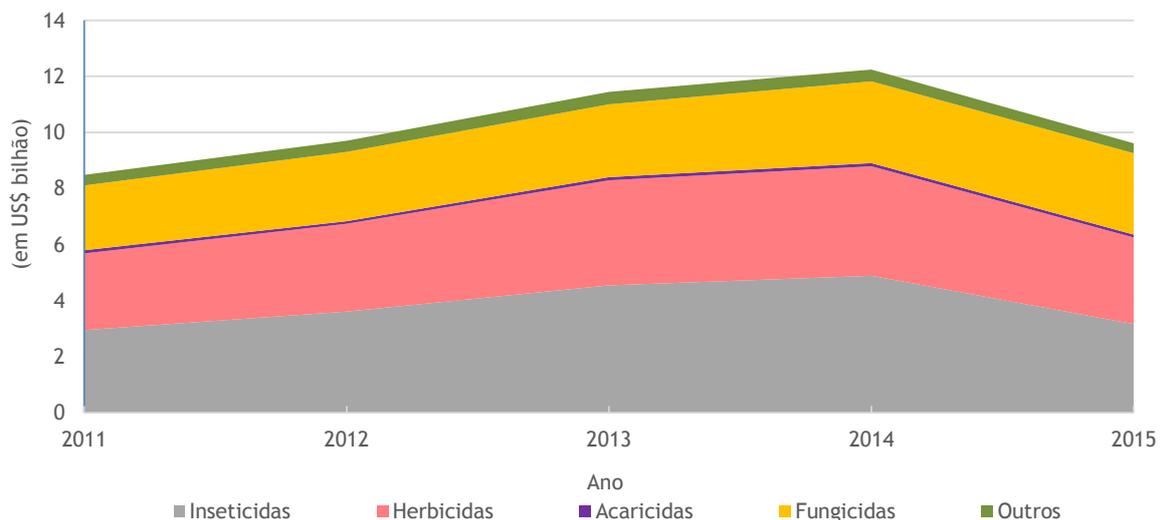


Figura 1 - Vendas de Defensivos Agrícolas, por Classe de Produto Comercial, Brasil, 2011 a 2015.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados do SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA DEFESA VEGETAL - SINDIVEG. Banco de dados. São Paulo: SINDIVEG. Disponível em: <<http://sindiveg.org.br/?p=764>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

A classe dos inseticidas foi a que respondeu pelo maior valor das vendas, sendo responsável por 33,00% do faturamento total, ou seja, US\$3,17 bilhões em 2015. No cômputo geral, observou-se queda no valor das vendas de todas as classes de produto comercial, em especial dos inseticidas, cuja comercialização em valor baixou em 35,18% comparativamente a 2014. Declínio acentuado também ocorreu entre os herbicidas, registrando queda de 26,38% em igual período.

Em 2015, a quantidade comercializada de produto comercial atingiu 887,87 mil toneladas, representando diminuição de 2,88% frente ao ano anterior. Contrariamente,

em termos de ingrediente ativo, houve expansão de 12,29% na demanda. Tal divergência indica que os defensivos comercializados estão portando maiores concentrações de ingrediente ativo, permitindo redução com embalagens empregadas e maior rendimento da calda de aplicação, indicando que tecnologia mais eficiente tem sido difundida pelo segmento em benefício dos agricultores (Figura 2).

Na análise por classe de produto comercial, observou-se que, em 2015, frente ao ano anterior, houve crescimento nas vendas de herbicidas (4,36%) e de fungicidas (12,14%). Entretanto, tais incrementos não foram suficientes para mitigar a queda contabilizada pelos inseticidas (-27,72%).

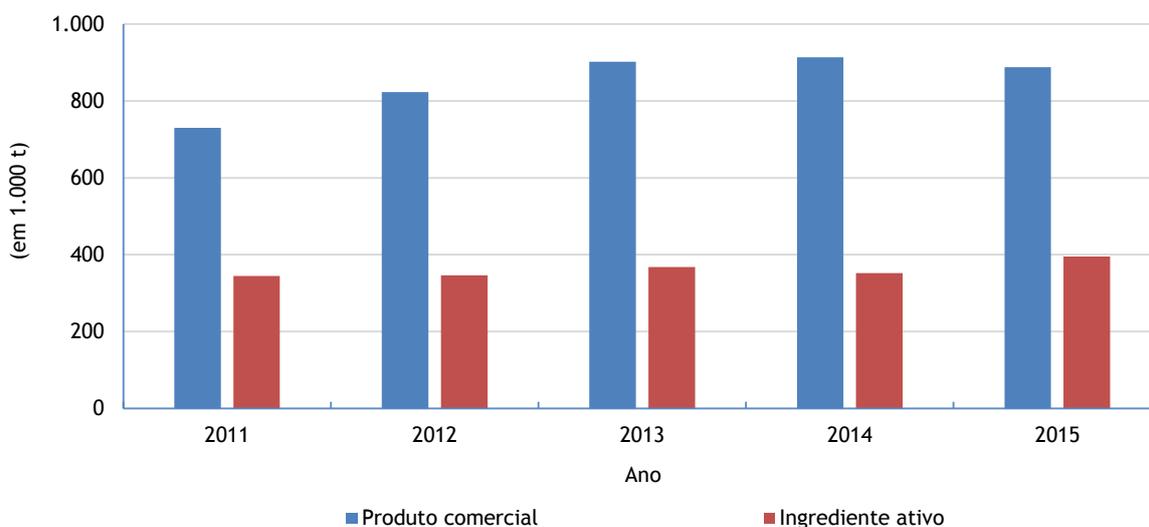


Figura 2 - Quantidade Vendida de Defensivos Agrícolas em Produto Comercial e Ingrediente Ativo, Brasil, 2011 a 2015.
Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA DEFESA VEGETAL - SINDIVEG. Banco de dados. São Paulo: SINDIVEG. Disponível em: <<http://sindiveg.org.br/?p=764>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

A desvalorização do real frente ao dólar contribuiu para deprimir o mercado de defensivos agrícolas, uma vez que mais de 90% dos princípios ativos das formulações provêm do exterior⁴. Ademais, deve-se considerar que, na safra 2015/16, embora tenha sido registrado aumento da área cultivada de 1,03%, segundo o sexto levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), excetuando-se o amendoim, feijão (segunda safra), mamona e o milho (primeira e segunda safra), todas as demais lavouras de grãos exigiram retração de área. A soja se notabilizou por ocupar 56,82% do total de área cultivada, estimando-se produção de 101.179 mil toneladas da oleaginosa, representando incremento de 5,10% em relação à safra anterior⁵.

As elevadas temperaturas médias, associadas ao favorável regime de precipitações observadas ao longo do desenvolvimento da safra corrente, alavancaram a venda dos fungicidas e dos herbicidas, classes de produto que, como já mencionado, incrementaram as quantidades vendidas.

De acordo com pesquisas realizadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), nas principais regiões agrícolas paulistas, a média dos índices de preços de janeiro de 2016⁶, em valores corrigidos pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas (FGV)⁷, revelou elevação de 17,14% das cotações de venda para o conjunto dos 82 defensivos monitorados, quando comparados com os preços praticados no mesmo mês de 2015 (Figura 3).

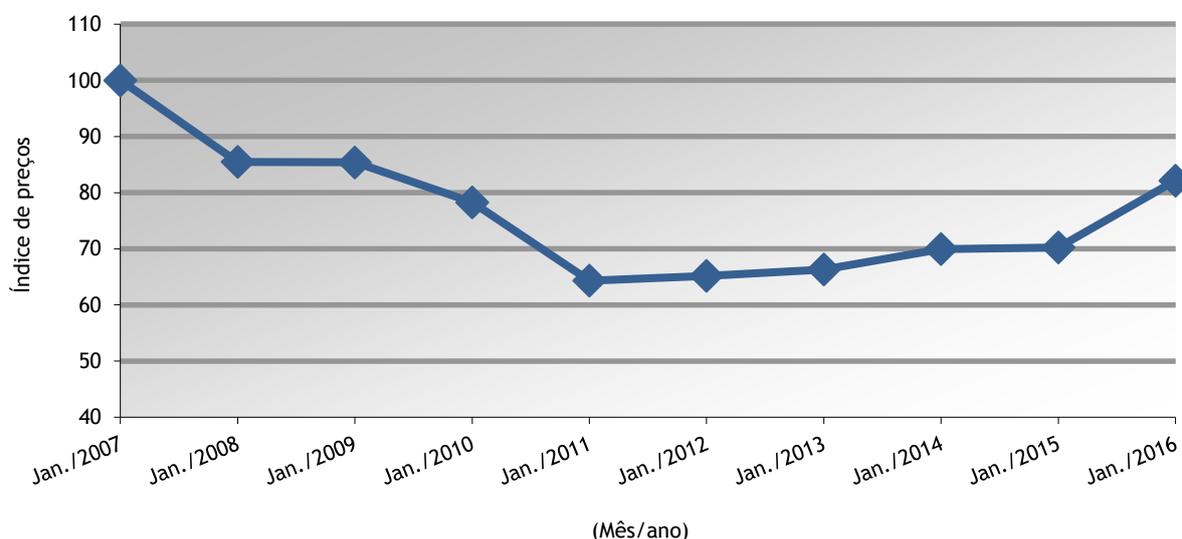


Figura 3 - Médias de Índices¹ de Preços Corrigidos² de 82 Defensivos Agrícolas, Estado de São Paulo, Janeiro de 2007 a Janeiro de 2016.

¹Índice simples, base = janeiro de 2007.

²Corrigidos pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Fonte: Dados da pesquisa.

Diante da trajetória de desvalorização do real frente ao dólar, o repasse do encarecimento dos princípios ativos importados para o preço final dos defensivos agrícolas foi bastante modesto. Ao longo de 2015, o real se desvalorizou frente ao dólar em 45,01%⁸, enquanto o preço dos defensivos (produto comercial) foi majorado em aproximadamente um terço desse percentual.

Na análise das relações de troca, constatou-se que, em janeiro de 2016, as lavouras de algodão, feijão das águas, laranja para indústria, milho safra e soja tiveram condições mais favoráveis para a aquisição da respectiva cesta de defensivos, enquanto o café e a cana-de-açúcar, contrariamente, tiveram piora na relação de troca. Para essas duas últi-

mas lavouras, diferentemente das demais, a majoração dos preços recebidos pós-desvalorização do real foi aquém do repasse aos preços dos defensivos, resultando na constatada piora da relação de troca⁹ (Tabela 1).

Tabela 1 - Relações de Troca¹ entre Lavouras e Respectiva Cesta de Defensivos, Estado de São Paulo, Janeiro de 2015 e Janeiro de 2016

Cultura	Unid.	Preços recebidos (em R\$)		Preço da cesta de defensivos agrícolas (em R\$)		Relação de troca		Índice ²	
		Jan./ 2015	Jan./ 2016	Jan./ 2015	Jan./ 2016	Jan./ 2015	Jan./ 2016	Jan./ 2015	Jan./ 2016
Algodão em pluma	15 kg	54,34	79,04	550,13	712,33	10,12	9,01	93,3	83,1
Café	sc. 60 kg	453,65	467,72	805,28	1.052,59	1,78	2,25	50,00	63,4
Cana-de-açúcar	t	64,71	58,78	772,83	1.056,57	11,94	17,97	54,3	81,7
Feijão das águas	sc. 60 kg	160,95	223,90	439,02	586,29	2,73	2,62	117,7	112,9
Laranja p/ indústria	cx. 40,8 kg	9,27	14,27	619,34	769,51	66,81	53,93	124,6	100,6
Milho	sc. 60 kg	24,31	36,39	183,38	211,08	7,54	5,80	132,8	102,1
Soja	sc. 60 kg	56,03	71,56	314,24	367,20	5,61	5,13	77,1	70,5

¹Indica a quantidade de produto agrícola necessária para adquirir uma cesta de defensivos.

²Índice 100 = jan./2007.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados do INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA, 2015. Disponível em: <<http://ciagri.iea.sp.gov.br/nia1/RelaTroca.aspx>>. Acesso em: mar. 2016.

O encolhimento da demanda registrado associado a majoração dos preços médios dos defensivos agrícolas em 2015 estabelece cenário de forte competição entre os fabricantes ao longo de 2016. Os agricultores podem ser beneficiados dessa conjuntura, recomendando-se que realizem pesquisas da lista de defensivos necessários para o próximo ciclo produtivo. Ademais, podem estabelecer leilões entre os fabricantes que, ávidos por fechar negócios em momento de encolhimento de mercado, estarão predispostos a oferecer vantagens substantivas para os potenciais compradores.

¹Colaboraram com o estudo os seguintes Técnicos de Apoio e Pesquisadores Científicos: Cristina Almeida Paes, José Alberto Ângelo, Maria Helena Jardim, Paulo José Coelho e Talita Tavares Ferreira.

²SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA DEFESA VEGETAL - SINDIVEG. Banco de dados. São Paulo: SINDIVEG. Disponível em: <<http://sindiveg.org.br/?p=764>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

³CAETANO, M. Em dólar, vendas de defensivos caíram 22% no país em 2015. Valor Econômico, São Paulo, 9 mar. 2016. Caderno B, p. 12.

⁴Op. cit. nota 3.

⁵COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. Acompanhamento da safra brasileira: grãos safra 2015/2016. Brasília: CONAB, mar. 2016. v. 3, n. 6. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/16_03_10_11_29_39_boletim_graos_marco_2016.pdf>. Acesso em: mar. 2015.

⁶INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. **Defensivos agrícolas**. São Paulo: IEA, 2016. Disponível em: <<http://ciagri.iea.sp.gov.br/nia1/defensivos.aspx>>. Acesso em: mar. 2016.

⁷FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV. **Índices gerais de preços**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2015. Disponível em: <<http://portalibre.fgv.br/>>. Acesso em: mar. 2015.

⁸BANCO CENTRAL DO BRASIL - BACEN. Banco de dados. São Paulo: BACEN. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/conversao/conversao.asp>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

⁹INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. **Relação de troca entre defensivos e produtos agrícola**. São Paulo: IEA, 2015. Disponível em: <<http://ciagri.iea.sp.gov.br/nia1/RelaTroca.aspx>>. Acesso em: mar. 2016.

Palavras-chave: mercado de defensivos, indústria de defensivos, fitossanidade, pragas, doenças.

Celso Luis Rodrigues Vegro
Pesquisador do IEA
celvegro@iea.sp.gov.br

Liberado para publicação em: 24/03/2016